

ReHuNa – A Rede pela Humanização do Parto e Nascimento¹

ReHuNa - The Brazilian Network for the Humanization of Childbirth

ReHuNa- La Red por la Humanización del Parto y Nacimiento

Daphne Rattner²
Marcos Leite dos Santos³
Heloisa Lessa⁴
Simone Grilo Diniz⁵

compreensão do processo natural e fisiológico, com base em evidências científicas. O artigo relata a história da ReHuNa e suas principais realizações, assim como aponta os futuros caminhos para a organização.

RESUMO

A ReHuNa - Rede pela Humanização do Parto e Nascimento - é uma organização da sociedade civil que vem atuando desde 1993 em forma de rede de associados em todo o Brasil. Seu objetivo principal é a divulgação de assistência e cuidados perinatais com base em evidências científicas e em conformidade com as recomendações da Organização Mundial de Saúde. Esta rede desempenhou um papel fundamental na estruturação de um movimento que hoje é denominado “humanização da assistência ao parto e nascimento”, que pretende diminuir as intervenções desnecessárias e promover um cuidado ao processo de gravidez-parto-nascimento-amamentação baseado na

PALAVRAS-CHAVE: Humanização do parto e nascimento. Movimento social. Mudança de paradigma.

ABSTRACT

ReHuNa – The Brazilian Network for the Humanization of Childbirth – is a civil society organization active since 1993, whose networking members are found all over Brazil. Its main objective is to publicize evidence-based perinatal care that is in accordance with the World Health Organization guidelines. This network has played an important role structuring a movement nowadays called “humanization of childbirth”, that proposes to reduce unnecessary interventions and to promote care for the process gestation-delivery-birth-breastfeeding based in the understanding of the natural and physiological process and on scientific evidences. This paper reports the history of ReHuNa and its main achievements, as well as points out future directions for the organization.

KEY-WORDS: Humanization of childbirth. Social movement. Paradigm shift.

1 www.rehuna.org.br

2 Médica epidemiologista. Universidade de Brasília, Departamento de Saúde Coletiva. Campus Universitário Darcy Ribeiro - Faculdade de Ciências da Saúde. Brasília - DF, 70910-900 - (55)61-3107-1951. Coordenadora Nacional da ReHuNa de 2000 a 2004.

E-mail: daphne.rattner@gmail.com

3 . Obstetra. Maternidade do Hospital Universitário - Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Coordenador Nacional de 2000 a 2006. Presidente da ReHuNa a partir de 2007.

4 Enfermeira obstetra. Secretária executiva da ReHuNa de 2005 a 2010.

5 Médica sanitária. Departamento de Saúde Materno-Infantil. Faculdade de Saúde Pública. Universidade de São Paulo. Av. Dr. Arnaldo, 715 – sala 218 – CEP 01246-904. São Paulo, São Paulo - Brasil. Membro do Conselho Diretor da ReHuNa desde 2007. E-mail: sidiniz@usp.br

RESUMEN

La ReHuNa - Red por la Humanización del Parto
Rev Tempus Actas Saúde Col // 215

y Nacimiento - es una organización de la sociedad civil que actúa desde 1993 en forma de red de asociados en el Brasil. Su principal objetivo es la divulgación de la asistencia y cuidados perinatales con base en evidencias científicas y de acuerdo a las recomendaciones de la Organización Mundial de la Salud. Esta red tuvo un papel fundamental en la estructura de un movimiento que hoy se denomina “humanización de la asistencia al parto y nacimiento”, que pretende disminuir las intervenciones innecesarias y promover cuidados al proceso del embarazo-parto-nacimiento-lactancia comprendido como un proceso natural y fisiológico basado en conocimientos científicos. Este artículo relata la historia de la ReHuNa y sus principales realizaciones y señala sus caminos futuros.

PALABRAS-CLAVE: Humanización del parto y nacimiento. Movimiento social. Cambio de paradigma.

Introdução

Entre 15 e 17 de outubro de 1993, algumas pessoas - entre elas, representantes de grupos e entidades - que comungavam preocupações e indignações, reuniram-se em Campinas para debater o que denominavam: “*situação atual do nascer em nossa sociedade*”.

O diagnóstico era dramático, conforme atesta a **Carta de Campinas**¹ documento elaborado a partir dessa reunião:

“Analisando as circunstâncias de violência e constrangimento em que se dá a assistência à saúde reprodutiva e especificamente as condições pouco humanas a que são submetidas mulheres e crianças no momento do nascimento, queremos trazer alguns elementos à reflexão da comunidade.”

“O Brasil apresenta a maior taxa mundial de cesáreas (vários hospitais brasileiros ainda têm taxas como 80 % ou mais de cesáreas) e este passou a ser o método “normal” de parir e nascer, uma inversão da naturalidade da

vida.”

Seguia-se uma análise das razões e motivos e, na seqüência, a proposta de criação da REHUNA, Rede pela Humanização do Parto e Nascimento, que “*pretende dirigir-se a mulheres, homens, setores da sociedade civil organizada, profissionais de saúde e educação, planejadores e elaboradores das políticas de saúde, para:*

◇ *Mostrar os riscos à saúde de mães e bebês das práticas obstétricas inadequadamente intervencionistas;*

◇ *Resgatar o nascimento como evento existencial e sócio-cultural crítico com profundas e amplas repercussões pessoais;*

◇ *Revalorizar o nascimento humanizando as posturas e condutas face ao parto e nascimento;*

◇ *Incentivar as mulheres a aumentar sua autonomia e poder de decisão sobre seus corpos e seus partos;*

◇ *Aliar conhecimento técnico e científico sistematizado e comprovado a práticas humanizadas de assistência ao parto e nascimento.*

Estes objetivos vêm sendo buscados na prática diária de pessoas, profissionais, grupos e entidades preocupados e atentos à melhoria da qualidade de vida, bem estar e bem nascer, aliadas na luta por uma vida mais humana, digna e saudável”.

O documento continuava com uma relação de estratégias e instrumentos passíveis de serem adotados com vistas ao alcance dos objetivos propostos.

Desde então, foi constituída A ReHuNa que apóia, promove e reivindica a prática do atendimento humanizado ao parto e nascimento em todas as suas etapas, a partir do protagonismo da mulher, da unidade mãe/

bebê e da medicina baseada em evidências científicas. Tem como documento norteador a publicação da Organização Mundial de Saúde². Esta missão vem sendo paulatinamente incorporada na prática diária de pessoas, profissionais, grupos e entidades filiados à rede e preocupados com a melhoria da qualidade de vida, bem estar e bem nascer. Para os integrantes da ReHuNa, é evidente a necessidade de mudança de paradigma na organização dos serviços e na prestação dos cuidados, para efetivamente atender às necessidades da parturiente, seu bebê e sua família. Este artigo relata a trajetória da organização e o importante papel que seus integrantes tem desempenhado para a concretização dessas mudanças.

Um pouco da história da ReHuNa

A história de nossa Rede começa bem antes de sua fundação. Ela se inicia com alguns pioneiros, cada qual em sua área de atuação, buscando uma forma mais satisfatória de atendimento, encontrando condições de pesquisar em livros, artigos publicados e na própria realidade novos caminhos para poder oferecer às mulheres e aos bebês que chegam uma possibilidade mais respeitosa de atenção – partos mais humanizados, bebês acolhidos com mais delicadeza. Integrantes da ReHuNA podem ser encontrados entre todos os pioneiros na implantação de iniciativas de humanização: Cláudio Paciornik e seu pai, Moisés Paciornik, foram dos primeiros a propor mudanças nas práticas de assistência com base em sua observação de nascimentos entre as índias kaingangues. O Grupo de Parto Alternativo da UNICAMP, sob a liderança de Hugo Sabatino, já conta com pelo menos três décadas de atuação.

A Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro (SMS-RJ), sob a coordenação de Cristina Boaretto e Katia Ratto e com a participação de Diana Valadares, foi a primeira a integrar em suas políticas de saúde projetos concretos de humanização, como a instalação em 1994 de um hospital para o exercício dessas

práticas, a Maternidade Leila Diniz. Marcos Dias, que a dirigiu com o apoio de Rosa Domingues, implantou nessa maternidade do Rio de Janeiro práticas consideradas ousadas e revolucionárias à época, a exemplo da atriz que inspirou seu nome: presença de acompanhante com a mulher, possibilidade de escolha de posição de parto, parto assistido por enfermeiras obstetras.... havia até uma banheira para parto.

Também foi a SMS-RJ quem implantou, em 2004, o Centro de Parto Normal David Capistrano da Costa Filho em Realengo, modelo para atenção em Centros de Parto Normal (CPN) extra-hospitalares do país. A SMS-RJ publicou ainda dois números da revista Saúde em Foco – Informe Epidemiológico em Saúde Coletiva (1996 e 2001) em que foram abordados temas referentes à humanização do parto e nascimento, apresentando trabalhos de rehunid@s com base em pesquisas.

Um grupo de feministas de Niterói, capitaneado por Vania de Freitas Maciel e Lúcia Maria Pires da Silva, implantou a Casa de Partos Nove Luas, Lua Nova no início dos anos 90, uma das primeiras casas de partos disponível para a clientela do setor privado, cujas atividades se mantiveram por muitos anos, apesar das dificuldades e da resistência a essa proposta.

Na década de 80, um grupo de profissionais comprometidos com o movimento popular construiu em regime de mutirão, na periferia de Belo Horizonte, um hospital que viria a se tornar o primeiro a receber o prêmio nacional Galba Araújo de Humanização da Assistência a Partos: o Hospital Sofia Feldman, hoje em dia referência nacional sobre humanização para o Plano de Redução da Mortalidade Infantil e Materna na Amazonia Legal e Nordeste do Ministério da Saúde. Fazem parte desse grupo Ivo Lopes, João Batista Marinho C. Lima, José Carlos da Silveira, Lélia Madeira, Miriam Leão, Vera Bonazzi, Nágela Santos, Eliane Rabelo, Júlia Horta e vários outros profissionais. É

também referência internacional, já tendo acolhido profissionais de saúde de Madagascar, Angola, América Latina e Caribe, através de bolsas oferecidas pela JICA, além de ser o único hospital brasileiro que é local de demonstração de boas práticas da IMBCI – Iniciativa Internacional para o Nascimento MãeBebê. O Hospital Sofia Feldman pode ser considerado um laboratório de criação de práticas humanizadas, a exemplo dos programas de doulas comunitárias voluntárias, a unidade neonatal pré-alta, a Casa de Sofias e outras.

Uma das grandes preocupações dos integrantes da ReHuNa sempre foi a difusão de informações sobre como deveria se dar a atenção à mulher e ao bebê durante a gestação e o parto. No Rio de Janeiro, são tradicionais os Encontros de Gestação e Parto Natural Conscientes, promovidos pelo Instituto de Yoga e Terapias Aurora sob responsabilidade de Fadyinha (Maria de Lourdes Teixeira), a que rehunid@s do país inteiro acorrem, sendo uma oportunidade de encontro e de troca de idéias. Geralmente são realizados no mês de novembro e sempre conseguem ter uma programação instigante, com conhecimentos ou abordagens inovadoras e enriquecedoras, além de permitir o encontro dos ativistas. Esses Encontros propiciaram a gestação de muitas idéias e ações, como a Maternidade Leila Diniz, tendo sido também local de reuniões para a I Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento. Em 1994 foi realizada a 1ª Plenária da ReHuNa, que passou a fazer parte dos Encontros e, em 2001 foi realizado conjuntamente o 1º Encontro Nacional de Doulas.

O primeiro desses encontros ocorreu ainda antes da fundação da ReHuNa, mas devemos à Fadyinha o crédito por sua continuidade e persistência, e hoje em dia já reservamos esses dias em novembro para tal Encontro, que nos fortalece na continuidade de nosso ativismo e que este ano, 2010, ocorre conjuntamente com a III Conferência Internacional sobre

Humanização do Parto e Nascimento, em Brasília. Também foi Fadyinha quem criou a primeira lista de discussão, a partonatural@yahoogrupos.com.br, a que se seguiram muitas outras.

Sedes da Secretaria Executiva e outros Núcleos

A primeira Secretaria Executiva da ReHuNa foi em Ceres, Goiás, logo após a sua fundação, em 1993. O Núcleo de Ceres inicialmente realizou dois filmes em VHS que obtiveram o apoio do UNICEF e têm sido exibidos em todo o território nacional: “*A vida pede passagem*” e “*De volta às Raízes*”. Mais tarde, em parceria com o Ministério da Saúde, elaboraram os vídeos “*Um dia de vida*” e “*Proximidade e Cuidado*”, que hoje em dia são adotados em todas as capacitações oficiais do Ministério da Saúde sobre atenção e cuidado à gestação e ao parto. Ademais, suas atividades de ensino de obstetrícia humanizada passaram a ser referência para o Ministério da Saúde, tendo até constituído um alojamento e um centro de treinamento específico para poder acolher os muitos profissionais de saúde que buscaram a riqueza de conhecimento acumulado por essas profissionais. Advindas do movimento de mulheres, as ativistas de Ceres, principalmente Esther de Albuquerque Vilela e Livia Martins Carneiro, conseguiram traduzir com muita delicadeza e competência aspectos do universo feminino que até então não vinham sendo considerados.

Em 1998, o Núcleo de Pernambuco assumiu a Secretaria Executiva, sob a responsabilidade de Paula Viana, do Grupo Curumim Gestação e Parto. Talvez pelas suas características regionais, esse Núcleo acabou se especializando em atenção ao parto e nascimento domiciliar assistido por parteiras tradicionais. O Grupo Curumim tem trabalhado em capacitação e atualização de parteiras tradicionais, sendo também referência para o Ministério da Saúde (MS). Esse projeto de parceria com o MS ganhou o prêmio Hélio Beltrão de inovação na

administração federal em 2002. Além disso, o Grupo Curumim produziu vídeos como “*Por que cesárea?*” e “*A magia da sobrevivência*”, este sobre o trabalho das parteiras, além de outros materiais adotados para capacitação de parteiras tradicionais e difusão dessas práticas. Também de Pernambuco, o Cais do Parto, liderado por Suely Carvalho, ajudou a fundar e coordena a Rede Nacional de Parto Tradicionais, que já contabiliza mais de cinquenta associações de parteiras tradicionais. Tem organizado eventos nacionais e internacionais discutindo as questões de parteiras tradicionais e sua inserção no sistema de saúde, seus direitos trabalhistas e outras, de forma muito ativa e conseguindo dar visibilidade para esse problema. Além dessa atuação, o Cais do Parto desenvolve cursos de preparação para o parto e presta atendimento a partos domiciliares.

Em 2007, a ReHuNa-PE ainda foi extremamente oportuna quando médicas que atendiam partos de forma humanizada em hospitais privados, Melania Amorim e Leila Katz, foram impedidas pelas direções de três deles de dar continuidade a esse atendimento. Foi organizada uma sessão emergencial pelo parto humanizado durante a Jornada de Ginecologia e Obstetrícia, com a magnífica parceria de Olímpio Barbosa de Moraes Filho, então presidente da Associação de Ginecologistas e Obstetras de Pernambuco – SOGOPE, em que participaram representante do Ministério da Saúde, da SES-PE, do Ministério Público Estadual, do Ministério Público Federal, do movimento de mulheres, assim como as médicas envolvidas e usuárias que foram dar seu depoimento. A sessão, organizada e coordenada por Paula Viana, do Grupo Curumim, teve algum impacto e as médicas continuam até o presente atendendo a partos como devem ser atendidos, nesses hospitais.

Em 2003 a Secretaria Executiva foi transferida para São Paulo. O Núcleo de São Paulo já havia organizado, em 1996, através do GENP - Grupo de Estudos sobre Nascimento

e Parto do Instituto de Saúde (um instituto de pesquisas em Saúde Coletiva da Secretaria de Estado da Saúde de São Paulo), sob a liderança de Daphne Rattner, o I Seminário sobre Nascimento e Parto do Estado de São Paulo, com o tema “*O resgate da qualidade na assistência ao Nascimento e Parto*”, que foi seguido do II Seminário sobre Nascimento e Parto, organizado pela Secretaria Municipal de Saúde do Rio de Janeiro, sob liderança de Cristina Boaretto e Katia Ratto, e ao qual se seguiram muitos outros eventos. Organizou ainda o II Seminário sobre Nascimento e Parto do Estado de São Paulo (1999), com o tema “*A vitrine da humanização no Estado de São Paulo*” e o *workshop* “*Humanizando Nascimentos e Partos*” (1997), quando foi debatido como seria possível avançar a humanização no país, seja na assistência, no ensino de obstetrícia ou na mídia. O relato desse *workshop* encontra-se no livro de mesmo nome, organizado por Daphne Rattner e Belkis Trench (publicado em 2005).

O Núcleo da ReHuNa de São Paulo costumava organizar eventos periódicos a partir de 1998 (primeiro bimensais, depois mensais) e vários temas foram neles discutidos, como o trabalho em equipe multiprofissional, o alívio não farmacológico da dor, a questão do acompanhante, e outros relativos à forma de cuidado. Também editou de 1995 a 2000, em parceria com Grupo de Estudos sobre Nascimento e Parto - GENP, do Instituto de Saúde, o boletim semestral *Notas sobre Nascimento e Parto*, em que eram divulgadas evidências científicas referentes a diferentes aspectos do cuidado, principalmente referentes ao parto, mas também ao nascimento e à amamentação. Este material informativo foi importante para a difusão de práticas com base em evidências científicas, um conceito quase desconhecido à época e que foi popularizado pela ReHuNa, no que tange a práticas na atenção obstétrica e neonatal. Daphne ainda coordenou a primeira edição do Prêmio Galba de Araújo no estado de São Paulo, que resultou no II Seminário sobre Nascimento e Parto do Estado de São Paulo, para apresentação da

“Vitrine da Humanização no Estado de São Paulo”.

Em 2003 a ReHuNa de São Paulo firmou ainda um termo de cooperação técnica com o Departamento de Saúde Materno Infantil da Faculdade de Saúde Pública, sob cuja égide foram realizadas reuniões temáticas sobre a *Presença do Acompanhante; Humanização da Assistência ao Recém-nascido; A dor no parto; Episiotomia; Doulas; e Parto Domiciliar*, a que frequentaram centenas de pessoas.

Além das reuniões temáticas e da participação nos Seminários de Atenção Obstétrica e Neonatal Humanizada e Baseada em Evidências Científicas, a ReHuNa foi co-organizadora de muitos eventos de extensão voltados para estudantes de graduação, pós-graduação e profissionais já graduados. Retrospectivamente, na Faculdade de Saúde Pública da USP, em parceria com outros grupos acadêmicos, profissionais e da sociedade civil⁶ e sob a liderança de Simone Diniz, a ReHuNa organizou diversos Seminários de Extensão Universitária: *“Assistência ao parto baseada em evidências: experiências de mudança no SUS”* (2010), *“Modelos de Atenção ao Parto: Conforto e Segurança”* (2009), *“Novas tendências na assistência obstétrica – o parto fisiológico como evento saudável e prazeroso”* – lançamento do filme *Parto Orgásmico*, de Debra Pascali-Bonaro (2008), *“Seminário Saúde Materna, Evidência e Direitos”* e *“Promoção da Saúde, Bem-estar e Direitos Maternos – O direito a Acompanhantes no Parto no SUS”* (2008), e *“Mortalidade materna: conceitos e o painel em São Paulo hoje”* (2007). O tema da mortalidade materna foi discutido com a sociedade civil anualmente nestes fóruns.

⁶ Além da ReHuNa, os seminários foram organizados pelo Depto. Materno-Infantil da Faculdade de Saúde Pública da USP, Comissão de Cultura e Extensão FSP; Pós-Graduação em Enfermagem Obstétrica EE-USP; Escola de Artes, Ciência e Humanidades da USP-EACH; Rede Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos; Rede Parto do Princípio; Coletivo Feminista Sexualidade e Saúde, Núcleo de Estudos da Mulher e das Relações de Gênero – NEMGE, entre outras.

Além desses, foram organizados os Seminários Internacionais: *“Assistência à Saúde Materna no Brasil e no Reino Unido: avanços, desafios e agenda de pesquisa”* (2008) e *“A assistência à mulher no período pós-parto - Novas abordagens e experiência do Reino Unido”* (2007), com a participação de colaboradoras do King’s College of London (profas. Debra Bick e Jane Sandall).

Em 2007, durante a realização do Colóquio Cochrane, a ReHuNa-SP, juntamente com a Rede Parto do Princípio e o grupo Cochrane de Gravidez e Parto, organizaram uma reunião sobre a participação de usuárias na formulação da agenda de geração de evidências e na garantia da perspectiva das usuárias no desenho e divulgação das pesquisas.

Em 2005, a ReHuNa-SP organizou, juntamente com vários outros grupos, o Encontro Nacional de Casas de Parto, com a participação de mais de trezentas pessoas, onde foram apresentadas as pesquisas sobre os resultados maternos e neonatais excelentes destes serviços, indicando que sua expansão poderia ser de grande vantagem para o SUS.

A partir de 2005 a Secretaria Executiva passou a estar sediada no Rio de Janeiro. Nesse período, a ReHuNa passou por uma fase de re-estruturação e organização interna, tendo sido seus secretários executivos Heloisa Lessa e Marcos Leite. A equipe carioca da ReHuNa se reuniu periodicamente e promoveu grupos de discussão sobre diversos temas, e realizou pequenos eventos consolidando parcerias com as Amigas do Peito e a Abenfo, com as instituições de Ensino e Pesquisa do Estado, com a Fundação Oswaldo Cruz, a Fundação José Bonifácio, e com todas as faculdades públicas de Enfermagem, entre outros.

Michel Odent e seu Primal Health Research Center, com sede em Londres, têm sido bons parceiros da ReHuNa. Desde 2000, a partir da I Conferência, Michel vem ao Brasil com frequência e profere palestras, conferencias

e cursos em diversas cidades do Brasil. Nesse período a ReHuNa galardeou aos livros de Michel já traduzidos e lançados no Brasil “*Água e sexualidade*”, “*O renascimento do parto*”, “*A cientificação do amor*”, “*O camponês e a parteira*” e “*A cesariana*” o seu selo de qualidade. E em 2007 e 2008, o Primal Health em parceria com a ReHuNa fizeram o teste piloto da pesquisa “Complementação de sardinha em lata em gestantes de baixa renda sob risco de adquirir eclâmpsia”, desenvolvido na Maternidade Alexander Fleming SMS-RJ e envolveu 100 gestantes.

Em novembro de 2009 a Abenfo, em parceria com o Royal College of Midwives (RCM) de Londres, o Cofen e Escolas de Enfermagem do Rio de Janeiro promoveram o lançamento da Campanha Internacional pelo Parto Normal, com apoio da ReHuNa. Essa campanha, capitaneada pelo RCM, oferece dez dicas fundamentais para o parto normal. Este evento foi um marco na história da enfermagem, pois promoveu a união de duas entidades que durante anos nunca realizaram nenhum projeto de parceria. Maiores detalhes da Campanha podem ser encontrado no sítio www.rcmnormalbirth.org.uk.

Em 2010, com a realização da III Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento, em Brasília, a sede da Secretaria Executiva está sendo transferida para a capital federal. O Núcleo de Brasília, composto basicamente pelas ativistas Renata Beltrão, Marisa Rocha e Livia Penna Firme Rodrigues, organizou eventos com a presença de Robbie Davis-Floyd (2002), Ina May Gaskin (2003) e cursos de doulas com Debra Pascali-Bonaro da DONA – Doulas of North America (2003 e 2004) e Naoli Vinaver (2009) além de estar organizando a III Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento, já acrescido de Daphne Rattner, que veio de São Paulo para Brasília em 2004. Em final de 2008 foi fundada a Ciranda de Mulheres que eventualmente se reúne e mantém uma lista de discussão na internet. Essa transferência

coloca a sede mais próxima do poder político, permitindo antever grandes possibilidades de atuação futura.

Outros núcleos da ReHuNa tem desenvolvido atividades diversificadas. Vários fizeram lançamentos e exibições do filme “Parto orgásmico”, de Debra Pascali-Bonaro, lançado em 2008 no Festival de Cinema do Rio de Janeiro: Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Florianópolis, Rio Grande do Sul e outros. O Rio Grande do Sul - Porto Alegre tem organizado rodas de conversa com gestantes em locais públicos, como o Parque da Redenção, cursos de doulas e de educação perinatal, e reuniões mensais em parceria com a Parto do Princípio para casais grávidos, sendo seus principais ativistas Ricardo Herbert Jones e Neusa (Zeza) Jones, Maria José Goulart (Zezé) - e Cristina Balzano, quando lá vivia. O núcleo de Belo Horizonte tem participado das rodas de conversa organizadas pela ONG Bem-Nascer, assim como da Comissão Perinatal da SMS de Belo Horizonte e dos projetos de reorganização da assistência. E há núcleos municipais, como o de Campinas, liderado por Hugo Sabatino e Lucia Caldeyro, e está em estruturação o de Uberlândia, sobre a liderança de Maria Augusta Silvestre, com projetos locais de atuação.

A ReHuNA e a organização de eventos internacionais

Em 2000 a ReHuNa organizou a I Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento (Fortaleza/CE), numa produtiva parceria com a Agência de Cooperação Internacional do Japão – JICA e, em 2005, a II Conferência no Rio de Janeiro. O primeiro evento contou com cerca de 1800 participantes de 26 países e oportunizou importantes discussões sobre a temática em questão. Ademais, trouxe a possibilidade de que ativistas brasileiros entrassem em contato com o movimento internacional pela humanização do parto e nascimento, gerando intensa fertilização de idéias e práticas a partir de então. Deste evento

resultou a publicação de um suplemento do *International Journal of Gynecology and Obstetrics* (vol. 75 – Suppl. I – Novembro de 2001). Foram convidados e estiveram presentes Marsden Wagner, ex-coordenador de Materno-Infantil da Organização Mundial de Saúde, que pronunciou a Conferência de Abertura; Michel Odent; Robbie Davis-Floyd; Ina May Gaskin; Leslie Page; Shigeko Horiuchi e muitos outros convidados nacionais e estrangeiros. Pela ReHuNa integraram a Comissão Organizadora Islene Araújo de Carvalho, Marcos Dias, Sonia Nussenzweig Hotimsky e Daphne Rattner, estando nela ainda Maria Antonieta Tyrrell pela Abenfo.

Durante a Conferência de Fortaleza foi fundada a Rede Latinoamericana e do Caribe para a Humanização do Parto e Nascimento – Relacahupan, que estará comemorando seus dez anos de prolífica atividade com a realização do I Encontro Internacional da Relacahupan simultâneo à III Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento, sendo, portanto, parceira da ReHuNa.

O crescente interesse por este assunto foi demonstrado na II Conferência Internacional pela Humanização do Parto e Nascimento, realizada no Rio em 2005. A presença de 2136 participantes fez deste evento o maior congresso internacional sobre este tema. Estiveram representadas 34 diferentes profissões, todos os estados brasileiros e 15 países estrangeiros. Foram convidados 111 palestrantes, 25 deles de outros países. Trabalharam neste evento 295 pessoas. As parcerias com vários setores da sociedade garantiram o sucesso de público e viabilizaram financeiramente estes eventos. Foi despertado o interesse da mídia, resultando matérias nos principais jornais e canais de televisão do país e ainda a houve a produção de um DVD sobre Humanização do Parto, realizado pelo ICICT/Fiocruz e Ministério da Saúde.

Esta conferência, que contou com diversas atividades pré-conferência e fóruns (Fórum de

Maternidades-mãe dos Seminários de Atenção Obstétrica e neonatal Humanizada e Baseada em Evidências Científicas do Ministério da Saúde, Fórum com os professores de Obstetrícia e Pediatria das Universidades Federais e Fórum da ANS-Agência Nacional de Saúde Suplementar) propiciou a um público até então distante da temática, o acesso a informações sobre assistência obstétrica humanizada, assim como aos dados fornecidos atualmente pela *medicina baseada em evidências científicas*, incentivando mudanças na prática assistencial, entre elas o esforço em baixar o índice de cesarianas no setor privado de assistência de saúde. Os principais rehunidos envolvidos na organização dessa II Conferência foram Heloisa Lessa, Marcos Dias, Marcos Leite, Cláudia Orthof, Dominique Kalckzo, Fadyinha e outros colaboradores do Rio de Janeiro.

A ReHuNa realizou ainda outros eventos, como os *Congressos Internacionais Ecologia do Parto e Nascimento* (um realizado em 2002 no Rio de Janeiro e em Florianópolis, em parceria com UERJ, SMS-RJ, ABENFO, FIOCRUZ e outros, e o outro em 2004, em parceria também com a revista *Midwifery Today*, no Rio de Janeiro), além de outros eventos nacionais e internacionais em que teve participação na organização, como o *La naturaleza del nacimiento*, realizado no México em 2004, sendo o mais recente o *Mid-Atlantic Conference on Birth and Primal Health Research*, realizado em Las Palmas, Ilhas Canárias, de 26 a 28 de fevereiro de 2010, que contou com a participação de 70 brasileiros, o segundo maior grupo, abaixo apenas dos espanhóis (veja a logomarca da ReHuNa no sítio <http://www.wombecology.com/conference/>). Todos estes eventos contribuíram de forma decisiva na divulgação de um *novo saber*, baseado em evidências científicas e mostram a relevância da ReHuNa no cenário internacional.

A ReHuNa já tem projetos para o futuro em andamento, entre eles a realização da *Mid Pacific Conference* no Havaí, Honolulu, em outubro de 2012, que estará sendo realizado

pelo Primal Health Research Center em Londres, presidido por Michel Odent, com a parceria de diversas entidades internacionais, entre elas a ReHuNa e a Abenfo.

Outras iniciativas da ReHuNa

Em 1997, o GENP de São Paulo produziu o livreto “*Parto normal, naturalmente...*”, com financiamento do UNICEF, uma cartilha para gestantes, que serviu de inspiração para a “*Agenda da gestante*” produzida pelo Ministério da Saúde. E em 2002, as integrantes da Rehuna Simone Diniz e Alexandra Chacham elaboraram o Dossiê Humanização do Parto para a Rede Nacional Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos. Simone Diniz ainda produziu os materiais “*Fique amiga dela*” (sobre como relacionar-se com a vagina, de 2003) e “*O que nós como profissionais de saúde podemos fazer para promover os direitos humanos das mulheres na gravidez e no parto*” (2001).

Em janeiro de 2003, em parceria com a DONA – Doulas of North America, foram realizados dois cursos de preparação de multiplicadoras para capacitação de doulas, no Rio de Janeiro e em Brasília. A iniciativa foi das rehunidas Maria Helena Bastos, Renata Sousa Beltrão e Marisa Rocha e o curso foi ministrado por Debra Pascali-Bonaro, da DONA – Doulas of North America. Debra voltou em 2004 a Brasília e ao Rio de Janeiro para ministrar um workshop de métodos mais avançados.

Pela ReHuNa do Espírito Santo, liderada por Paulo Batistuta Novaes, foi produzido o vídeo “*Sagrado*” (2001), que aborda de maneira sensível e expressiva as recomendações da Organização Mundial de Saúde para o parto normal e obteve a chancela do UNICEF. Ele também realizou, em parceria com Cláudia Murta, um curso que resultou num livro de mesmo nome: “*Dimensões da Humanização: Filosofia, Psicanálise, Medicina*” (2005). Mas a produção de maior visibilidade de Paulo Batistuta foi a exposição fotográfica “*Parto: uma*

dimensão do gozo feminino”, que já lhe rendeu várias exposições em território nacional, além de França e Estados Unidos, como, também de um belo livro ilustrado publicado em três idiomas: português, inglês e francês.

A ReHuNa intermediou a tradução para o português do livro tradicionalmente adotado como referência para práticas com base em evidências científicas elaborado por Enkin e colaboradores, intitulado *Guia para atenção efetiva na gravidez e no parto*. O livro traduzido foi lançado em São Paulo, em 2004, com a presença de um de seus autores, James Neilson. Esta foi mais uma bem-sucedida parceria com a JICA.

A ReHuNa ainda conta com uma parceria com a Editora Saint-Germain, que originou a Coleção ReHuNa, com vários livros lançados. Essa é a principal editora que divulga os escritos de Michel Odent, importante teórico do nosso movimento.

As campanhas

Rehuniados sempre trabalharam pela difusão de algumas “bandeiras” através de campanhas públicas, tendo a primeira sido desenvolvida em 1997. Nesse ano, o Grupo Curumim realizou por 3 meses a Campanha “**Parto Humanizado: Pense Nisso!**”, com outdoors nas principais ruas de Recife, propagandas em rádio e televisão, realizando também atividades para profissionais de saúde, como seminários, workshop e lançamento de livros.

Uma das principais bandeiras de luta da ReHuNa é a do **direito da mulher à presença de acompanhante de sua escolha durante o trabalho de parto e no parto**. Para efetivar essa possibilidade, várias formulações legislativas foram propostas: a Resolução nº 667, proposta pela SMS-RJ (1998), que implantou o direito ao acompanhante em todos os hospitais públicos do município que atendiam partos; a Lei 10.241-SP de 1999, Lei dos Direitos do Paciente, proposta pelo Deputado Roberto

Gouveia, que inclui entre seus muitos direitos um artigo sobre o direito a acompanhante; a Lei 12.133 – SC de 2002, que será tratada em detalhe em seguida; a Lei 7.690 - ES de 2003, negociada pelo rehunido Paulo Batistuta Novaes com o deputado Anselmo Tosi; e a Lei 15.561 - GO, de 2006, em que o rehunido Sebastião Moreira teve papel de destaque para sua publicação. Há ainda uma lei proposta pela deputada Lídice da Mata em 2003 para a Bahia e que foi aprovada como Lei Nº 9.852 em 04 de janeiro de 2006, com um texto bem detalhado para sua implementação. Em São Paulo, a ReHuNA realizou de 2000 a 2002 a **Campanha pela Presença do Acompanhante** de Escolha da Parturiente, com o apoio da ABENFO (Associação Brasileira de Obstetizes e Enfermeiras Obstétricas), do gabinete do Deputado Roberto Gouveia, do Instituto de Saúde da SES, do Movimento de Mulheres da Zona Leste e o da Zona Sul, entre outros.

Com respeito ao direito ao acompanhante, cabe salientar, para a efetivação da lei nacional, o trabalho da ReHuNa-SC. Em Santa Catarina, a ReHuNa iniciou um trabalho junto à então Deputada Estadual Ideli Salvati para garantir a presença de um(a) acompanhante de escolha da mulher no pré-parto, parto e pós-parto. Disso resultou a elaboração da lei nº 12.333, aprovada pelo Legislativo catarinense em 12 de março de 2002, por unanimidade.

Ideli foi eleita Senadora e a ReHuNa, aproveitando o excelente relacionamento gestado na campanha para aprovação da Lei do Legislativo catarinense, sugeriu que ela tentasse aprovar uma lei federal. Esta campanha foi encampada pelos outros núcleos da ReHuNa e pela coordenação nacional, que apoiou a elaboração, apresentação e defesa do projeto de lei no Senado Federal. Representada por Carlos Eduardo Pinheiro, Izabel Regis (fundadora da ReHuNa), Marcos Leite e Silvana Pereira, a ReHuNa foi ao Senado defender a idéia. Todos os Senadores presentes ficaram muito sensibilizados e se tornaram defensores da Lei. Este projeto foi aprovado e resultou

na Lei 11.108, publicada pela Presidência da República em 7 de abril de 2005, que acrescenta um parágrafo a Lei nº 8.080⁷, de 19 de setembro de 1990, garantindo às parturientes o direito à presença de acompanhante durante o trabalho de parto, parto e pós-parto imediato, no âmbito do Sistema Único de Saúde - SUS.

Em reconhecimento ao trabalho da ReHuNa esta Lei federal foi regulamentada pelo Ministro da Saúde em 2005 durante a II Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento, promovida pela ReHuNa no Rio de Janeiro. Além dessa importante atuação, a ReHuNA-SC, em parceria com a Secretaria de Estado da Saúde, em 2006-7 fez um levantamento de quantos hospitais do estado cumpriam a lei, identificando que eram apenas 50%, e desde então vêm trabalhando juntos para aumentar essa proporção.

E em junho de 2003, pela ReHuNA-SP em São Paulo, foi lançada a **Campanha pela Abolição da Episiotomia de Rotina**, com as parcerias com a ABENFO, Faculdade de Saúde Pública, CLADEM⁸, Rede Feminista de Saúde e Direitos Reprodutivos, Associação Nacional de Doulas – ANDO, Gabinete do vereador Carlos Neder, Secretaria Municipal de Saúde de São Paulo, Secretaria Estadual de Saúde e outras. Esta campanha teve pouca repercussão e talvez deva ser retomada, diante do impacto que a episiotomia desnecessária tem para a puerpera, uma vez que a proporção de episiotomias desnecessárias é alta e representa uma agressão e violência contra o corpo da mulher, além de prejudicar sua recuperação no pós-parto.

7 Art. 19-J. Os serviços de saúde do Sistema Único de Saúde SUS, da rede própria ou conveniada, ficam obrigados a permitir a presença, junto à parturiente, de 1 (um) acompanhante durante todo o período de trabalho de parto, parto e pós-parto imediato.

§ 1º O acompanhante de que trata o caput deste artigo será indicado pela parturiente.

§ 2º As ações destinadas a viabilizar o pleno exercício dos direitos de que trata este artigo constarão do regulamento da lei, a ser elaborado pelo órgão competente do Poder Executivo.

8 Comitê Latino-americano e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher

Alguns embates

Outra das “bandeiras” de ativismo da ReHuNa é a questão do local do parto. As evidências científicas mostram que possivelmente o hospital não seja o melhor local, em que a mulher se sinta à vontade para se abrir e dar passagem à chegada de seu bebê. Em São Paulo, Angela Gehrke da Silva, uma parteira alemã que veio trabalhar na Associação Comunitária Monte Azul, constituiu uma primeira casa de partos nessa localidade, a favela Monte Azul, onde podia atender a partos como havia aprendido e sabia que era melhor – contemplava a presença de acompanhantes, o ambiente era semelhante ao de uma residência e havia uma banheira para o parto, embora com equipamento para reanimação, tubulações de oxigênio e ar comprimido e os principais equipamentos para garantir o melhor resultado possível nas emergências. Nos países que contam com parteiras para atenção ao parto e nascimento, elas recebem todo o treinamento necessário para atender a ambos parturiente e recém nascido em processos fisiológicos e nos distócicos e de risco.

Em 1998, David Capistrano da Costa Filho era o coordenador do Projeto Qualis, que implantava a mudança de modelo de assistência na atenção básica, migrando para a Estratégia Saúde da Família. Ao conhecer a casa de partos da Monte Azul, entusiasmou-se e empenhou esforços de forma a que, em poucos meses, fosse inaugurada a Casa de Partos de Sapopemba, na zona leste da cidade. Essa inauguração contou com um ex-ministro da Saúde – Adib Jatene e com o então ministro da Saúde José Serra. David foi convidado pelo ministro Serra para implantar o projeto de Centros de Parto Normal (CPNs) no Ministério da Saúde, do que resultou a portaria nº 985, de 5 de agosto de 1999, que cria os Centros de Parto Normal no âmbito do Sistema Único de Saúde. Além disso, abriu-se um linha de financiamento para CPNs, no qual 16 projetos foram aprovados para construção e/ou equipamento de 36 CPNs, tanto intra-, como peri- e extra-hospitalares. Nem todos

os projetos conseguiram ser executados e finalizados, mas alguns CPNs desses estão em atividade até o presente.

Desde o início, a proposta gerou resistência ativa e passiva de obstetras, embora a discussão não tenha sido colocada no âmbito das evidências científicas sobre local de parto. Por ter apoio direto do ministro, à época, esse projeto teve continuidade. David e Angela faleceram em 2000, e muitos de seus projetos ficaram órfãos.

Cabe ressaltar algumas dificuldades no desenvolvimento dessa proposta: antes do CPN David Capistrano da Costa Filho, em Realengo, estruturado pela SMS-RJ, dar início às suas atividades, o Conselho Regional de Medicina do Rio de Janeiro entrou na justiça para impedir a sua abertura, no início de 2004. A ReHuNa foi importantíssima no apoio à SMS-RJ e mobilizou sociedade civil, artistas, outros movimentos sociais, além de elaborar o “*Manifesto em favor da casa de parto no Rio de Janeiro*”, e conseguiu-se com essa mobilização o reconhecimento e a abertura desse CPN, que hoje em dia é referência em termos de atenção em CPN extra-hospitalar. Fadyinha foi figura-chave nessa bem-sucedida mobilização. Outra tentativa para fechar o CPN ocorreu em junho de 2009, por parte da Vigilância Sanitária estadual, que exigiu o fechamento do CPN. Em parceria com o Sindicato dos Enfermeiros do Rio de Janeiro, Coren RJ, Abenfo, Aben, Escolas de Enfermagem Ana Nery, Faculdade de Enfermagem da UERJ, UFF, UniRio, Cofen, as Amigas do Peito, Ong Parto do Princípio, Instituto Aurora, a ReHuNa e várias outras entidades, no domingo ensolarado de 21 de junho de 2009, reuniu 1500 pessoas, entre elas mulheres, pais, crianças e profissionais que foram às ruas na praia do Leme pedindo a reabertura da Casa de Parto David Capistrano da Costa Filho e clamando pelo direito de escolha do local do parto que todas as mulheres deveriam ter. O movimento foi um sucesso, envolveu mídia, artistas, políticos e a sociedade civil, que cada vez mais se informa

sobre a temática do parto e nascimento. Essa mobilização incluiu listas de apoio na internet, que captaram mais de dez mil assinaturas e novamente conseguiu-se manter aberta essa importante possibilidade de um atendimento humanizado a partos e nascimentos, disponível para as cariocas até o presente.

Em agosto de 2007, o CPN da Universidade Federal de Juiz de Fora foi ameaçado de fechamento pela reitoria. Houve uma grande mobilização e novamente Fadyinha centralizou esse processo, sendo que nesse ano o 17º Encontro de Gestação e Parto Natural Conscientes foi pela primeira vez realizado fora do Rio de Janeiro, em Juiz de Fora, e terminou com um grande abraço coletivo ao CPN. Esse evento conseguiu trazer rehunid@s de todo o país e fortalecer a luta das enfermeiras e professoras que defendiam a sua continuidade, e também contou com a presença de Michel Odent, de representante do Ministério da Saúde e do presidente da ReHuNa, Marcos Leite dos Santos. Depois dessa mobilização, houve audiências públicas na câmara de vereadores, com a presença de representantes do Ministério da Saúde e com mobilização intensa, em que Fadyinha foi elemento-chave. Apesar de todos os esforços, ao final de um ano, por decisão da reitoria, esse CPN finalmente foi fechado.

Em Brasília, a Casa de Partos de São Sebastião foi constituída para ser um CPN com atendimento por enfermeiras, mas após seu início foi definido que seriam médicos que nela atenderiam. Desde fevereiro de 2009 está novamente sob responsabilidade de enfermeiras obstetras. Periodicamente é ameaçada de fechamento, porém com a mobilização da comunidade, dos profissionais, de políticos locais, com o apoio de organizações como a ReHuNa, a Ciranda de Mulheres e outras, continua prestando esse atendimento que é referência em humanização no Distrito Federal, sendo buscado por gestantes que têm acesso a planos de saúde, mas que preferem um parto normal e humanizado a uma cesárea

agendada.

Uma mudança de paradigma não ocorre sem conflitos e a ReHuNa tem sabido fazer frente aos embates que se apresentam.

A ReHuNa e seus parceiros

Um dos primeiros parceiros da ReHuNa foi a Agência de Cooperação Internacional do Japão – JICA, com quem foi organizada a I Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento, depois a publicação e lançamento do livro de Enkin e colaboradores e outros projetos conjuntos.

Em termos da relação com o Ministério da Saúde, o Seminário sobre Cesáreas realizado na UNICAMP em 2002 e organizado pelo Ministério da Saúde contou com a efetiva participação do Dr. Marcos Leite dos Santos, atual Presidente da ReHuNa, na orientação dos trabalhos.

A atuação da ReHuNa a qualificou para assessorar o Ministério da Saúde na construção e implementação do Pacto Nacional pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal e se tornou parceira no processo de qualificação das maternidades desde 2002 e hoje, representada pelo Dr. Marcos Leite dos Santos, integra a Secretaria Executiva da Comissão de Monitoramento do Pacto pela Redução da Mortalidade Materna e Neonatal.

A ReHuNa foi a principal parceira do Ministério da Saúde nos Seminários de Atenção Obstétrica e Neonatal Humanizada e Baseada em Evidências Científicas, realizados entre 2004 e 2006, que envolveram 1857 profissionais de 457 estabelecimentos de saúde que atendem partos no SUS. A ReHuNa ainda apoiou vários seminários estaduais e municipais decorrentes dessa iniciativa federal, dando continuidade a essa importante iniciativa. E hoje em dia, fazendo parte da prioridade de redução da mortalidade infantil e materna na Amazonia legal e Nordeste, há um Plano de Qualificação

de Maternidades e a rehunida Esther de Albuquerque Vilela é consultora da Política Nacional de Humanização nesse projeto. A ReHuNA teve assento no Comitê Nacional do prêmio Galba de Araújo em suas quarta e quinta edições (2004 e 2006), assim como em alguns comitês estaduais. Além disso, vários integrantes da ReHuNa participaram ativamente na elaboração da Resolução da Diretoria Colegiada – RDC nº 36 da Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, que trata da regulamentação dos espaços para atenção obstétrica e neonatal. E em termos de gestões estaduais, integrantes da ReHuNa participam de vários comitês de prevenção do óbito materno, fetal e neonatal.

Importante parceira y hermana é a Relacahupan – Red Latino-Americana y del Caribe por la Humanización del Parto y Nacimiento. A Relacahupan tem assumido o importante papel de incentivadora da mudança de modelo de atenção a Partos e Nascimento na América Latina e Caribe, editando um boletim mensal com notícias de todos os países que a integram e que circula nas listas e organizando, a cada ano, uma nova campanha na Semana do Parto Respeitoso, no mês de maio. São suas atuais coordenadoras Gilda Vera, do Uruguai, Debbie Diaz, de Porto Rico e Sonia Cavia, da Argentina.

Há parcerias ainda com outras organizações, como o Instituto Aurora, Abenfo, Ishtar, Amigas do Parto, Amigas do Peito, Ibfan, Fundação Oswaldo Cruz, Agência Nacional de Saúde Suplementar- ANS, Agência Nacional de Vigilância Sanitária – ANVISA, Conselho Nacional de Secretários Municipais de Saúde - CONASEMS, Conselho Nacional de Secretários Estaduais de Saúde – CONASS, Associação Nacional de Doulas – ANDO, Universidade Estadual do Rio de Janeiro – UERJ, Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, Universidade de Brasília – UnB, a Rede Parto do Princípio, o GAMA, DoularTE, Espaço Ventre Livre, Mães da Pátrias, além de outros parceiros internacionais, dentre eles

a Relacahupan, o Centro Latino-Americano de Perinatologia – CLAP, a International MotherBaby Childbirth Organization – IMBCO e a Coalition for the Improvement of Maternity Services – CIMS.

À guisa de conclusão

Hoje em dia pode-se contabilizar vários avanços decorrentes da atuação da ReHuNa: o fato de haver políticas oficiais adotando humanização como forma de redução de mortes evitáveis; a lei do acompanhante; o aumento da produção científica sobre o tema; a proliferação de eventos que tratam de humanização; a criação de várias organizações não governamentais, com abrangência nacional, regional, estadual ou local; a existência de muitas listas, blogs e sites na internet, difundindo informações; enfim, pode-se afirmar com segurança que o cenário atual é bem diferente do que existia em 1993, quando de sua fundação.

Mas ainda há muito a ser feito. Ainda são poucas as mulheres que conseguem ter um acompanhante de sua escolha durante o trabalho de parto e parto: segundo a Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde - PNDS, em 2006 eram apenas 16%.³ Práticas adotadas rotineiramente para atenção ao parto e nascimento na maioria das maternidades brasileiras podem ser classificadas no grupo B da Organização Mundial de Saúde: práticas que não são efetivas, são danosas e, portanto, devem ser imediatamente abandonadas. O ensino de Obstetrícia na maior parte das faculdades de medicina e de enfermagem não adota o modelo humanizado e com base em evidências científicas. Ainda se encontra muito resistência para implantação de um novo modelo de gestão de cuidado, humanizado e com base em evidências científicas – isso quando não há iniciativas para fechar as poucas casas de parto existentes, sem considerar que os resultados de sua atuação sejam muito melhores e tragam muito mais satisfação às mulheres do que o sistema hegemônico de atendimento. O parto

pode ser uma experiência fortalecedora para as mulheres e precisamos trabalhar para que em breve todas as brasileiras, ao parir, possam ter acesso ao que é seu direito.

Assim, é mais do que oportuna a reorganização dos núcleos regionais da ReHuNa, que poderiam assumir:

◇ a difusão das recomendações da Organização Mundial de Saúde, através da organização de eventos ou cursos; elaboração de artigos para imprensa; participação em programas de rádio e TV; e outras formas de divulgação;

◇ participação em instâncias que discutem a problemática assistencial: conselhos municipais ou estaduais de Saúde; comitês de investigação e prevenção do óbito materno e neonatal;

◇ participação na gestão dos serviços, quando profissionais de saúde, ocupando esses espaços e desenvolvendo ações para a melhoria da qualidade com humanização;

◇ busca de parceiros para atividades artísticas, científicas, sessão de vídeos, rodas de conversa e outras, mantendo o tema sempre circulando;

◇ e outras que porventura haja interesse em organizar.

Para tal, é importante que ocorram reuniões periódicas de seus integrantes, assim como documentar o que estará sendo feito, para que esta história do movimento pela humanização do parto e nascimento em nosso país possa estar sempre sendo reescrita e atualizada.

Na III Conferência Internacional sobre Humanização do Parto e Nascimento a ReHuNa estará acolhendo mais de uma centena de novos filiados. Seu envolvimento nessa agenda de trabalho pela mudança de paradigma será vital para que se consiga efetivar nosso

projeto: um parto e nascimento tranquilo, respeitoso, assistido com base em evidências científicas, sem intervenções desnecessárias, com presença de acompanhante de escolha da mulher, num ambiente amigável e que gere uma memória favorável dessa experiência para todos os envolvidos – acessível e disponível para todas as mulheres deste país.

REFERENCIAS

1- ReHuNA – Carta de Campinas. *In*: Rattner D e Trench B. **Humanizando Nascimentos e Partos**. São Paulo: Editora Senac, 2005

2- OMS-ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Assistência ao Parto Normal: um guia prático**. OMS/SRF/MSM/96.24. Genebra, 1996.

3- BRASIL. Ministério da Saúde. **Pesquisa Nacional de Demografia e Saúde – PNDS 2006**. Brasília: Ministério da Saúde, 2009.

Artigo apresentado em 28/07/2010

Aprovado em 30/08/2010